

COLONIALIDADE DO SABER E NECROPOLÍTICA EM NARRATIVAS AFROFUTURISTAS: ANÁLISE DE ‘O ÚLTIMO ANCESTRAL’, DE ALE SANTOS

LUCAS SCHUMANN DOS SANTOS¹; MARINA PEREIRA PENTEADO²

¹Universidade Federal do Rio Grande - FURG - lucasschumann28@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande - FURG - mahhhp@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Afrofuturismo surge nos Estados Unidos como uma manifestação cultural que busca reimaginar futuros possíveis para a população negra a partir da crítica às violências do colonialismo e do racismo estrutural. O termo, cunhado pelo crítico literário Mark Dery, foi influenciado pela obra de autores como Octavia E. Butler e Samuel Delany, que produziam uma “ficção especulativa que trata temas sobre afro-americanos e aborda preocupações de afro-americanos no contexto da tecnocultura do século XX” (DERY, 1994). Desenvolvendo-se em meio às lutas por direitos civis, o movimento expandiu-se para além da música e da estética, incorporando a literatura e o cinema como espaços de resistência e reflexão crítica.

No campo teórico, autores como Achille Mbembe (2003) e Aníbal Quijano (2005) oferecem ferramentas para compreender, respectivamente, a necropolítica e as colonialidades do saber e do poder, permitindo analisar como desigualdades e sistemas de opressão se configuram no presente. Inserindo-se nesse contexto, a literatura afrofuturista brasileira propõe narrativas que desestabilizam o cânone, reposicionam corpos e vozes historicamente marginalizados no centro da narrativa e denunciam aparatos de repressão.

O romance *O Último Ancestral*, do escritor brasileiro Ale Santos (2021), exemplifica essa produção ao articular elementos de ficção científica com ancestralidade africana, projetando um futuro distópico que denuncia apagamentos culturais, repressão policial e hierarquias raciais, ao mesmo tempo em que apresenta a coletividade e o contato com o passado ancestral como possibilidades de justiça e transformação.

2. METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma metodologia qualitativa e interpretativa, fundamentada na crítica literária afrofuturista e na análise distópica, com base nos conceitos de necropolítica de Achille Mbembe (2003) e das colonialidades do saber e do poder de Aníbal Quijano (2005). A análise centra-se no romance *O Último Ancestral* (SANTOS, 2021), explorando elementos narrativos como espaço, hierarquias sociais, tecnologia e religiosidade ancestral. O enfoque recai sobre como a narrativa projeta estruturas de segregação racial, apagamentos culturais e violência estatal para o futuro, articulando essas representações com conceitos teóricos que permitem compreender a reprodução e crítica das desigualdades no presente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que a dominação colonial persiste nas estruturas sociais, econômicas e políticas das sociedades pós-coloniais, sobretudo por meio da categorização racial (QUIJANO, 2005), a organização hierarquizada e segregada da cidade futurística de Nagast, apresentada no romance *O Último Ancestral*, projeta em um horizonte distópico mecanismos de exclusão e opressão historicamente dirigidos ao povo negro similares aos presentes no território brasileiro; na história, porém, esta opressão não é sequer velada, e os habitantes do Primeiro Círculo do Distrito — a metrópole de Nagast — concordam com esta hierarquia racial. No universo narrativo de Santos, tais estruturas não apenas reproduzem desigualdades presentes, mas intensificam e reconfiguram suas formas, transformando o controle e a repressão em tecnologias sociais e políticas de poder sofisticadas. A categorização racial evidenciada por Quijano torna-se particularmente evidente em Obambo, favela habitada por negros e mestiços que permanecem isolados do restante da sociedade por uma fronteira rigorosamente vigiada. Soldados humanos, subordinados aos Cygens — híbridos de humanos e máquinas que ocupam posições de autoridade e representam um ideal de racionalidade e perfeição tecnológica — asseguram a separação espacial, social e simbólica entre os territórios, refletindo uma hierarquia que é ao mesmo tempo biopolítica e necropolítica.

Em tal contexto, a favela de Obambo opera como uma alegorização direta dos “mundos de morte” descritos por Mbembe (2003), constituindo um espaço deliberadamente precarizado, onde a ausência de serviços básicos, a fome e a vulnerabilidade são normalizadas. A população é sistematicamente submetida a condições de vida que reiteram sua subalternidade e reproduzem a naturalização da violência. Nesse cenário, o personagem central, Eliah, encontra no crime um mecanismo de escape, engajando-se no roubo de carros luxuosos do Distrito. Tal prática, articulada em parceria com empresários corruptos e sob a liderança de Zero, um dos chefes do tráfico local, evidencia como o crime funciona como resposta pragmática às condições estruturais de miséria e exclusão. A exploração dos corpos negros e pobres, além de refletir processos históricos de marginalização, assume contornos tecnológicos e instrumentais no Distrito: os tecnogriots, inicialmente guardiões da memória coletiva, são reprogramados para se tornarem espiões a serviço do Estado tecnocrático, codificando a ancestralidade como ameaça e transformando a tradição em mecanismo de controle.

A ideologia dos Cygens, articulada à retórica transumanista, exemplifica a apropriação da ciência e da tecnologia como instrumentos de dominação, impondo padrões de racionalidade e eficiência que determinam quem é considerado digno de existir e prosperar. Na narrativa, os Cygens pregam que “a humanidade perdera muitas eras buscando conexões divinas, o que atrasaria a evolução tecnológica” (SANTOS, 2021, p. 13), evidenciando como a desvalorização da espiritualidade e do conhecimento ancestral serve para legitimar sua autoridade e superioridade. Ao classificar os saberes afro-diaspóricos como “obsoletos” e desnecessários, os Cygens reproduzem um ideal positivista, impondo um modelo epistêmico eurocêntrico que desautoriza a memória e a experiência cultural africana. Esse processo se manifesta na transformação dos tecnogriots, originalmente “criados para manter registros da história do mundo”, mas “modificados e transformados em espiões, com uma linguagem de códigos que só eles eram capazes de interpretar”

(SANTOS, 2021, p. 23). Assim, uma ferramenta de preservação e transmissão de conhecimento ancestral se torna, na narrativa, mais um mecanismo presente no sistema de opressão projetado pelos Cygens, exemplificando concretamente a colonialidade do saber na ficção afrofuturista de Santos — um mecanismo originalmente destinado à manutenção da memória histórica de Obambo, que, ao ser subvertido, passa a reforçar a hierarquia de poder dos Cygens.

A arquitetura e o espaço urbano do Distrito reforçam ainda mais a lógica de segregação e controle. O casarão híbrido da Liga de Higiene Mental, para onde Eliah é levado, é descrito pela personagem como “um casarão que misturava arquitetura colonial com estilos modernos [...] Pilastras enormes, câmeras, drones e paredes digitais em todos os cantos” (SANTOS, 2021, p. 40). Apesar de sua fachada institucional e do discurso neutro que o legitima como espaço destinado a “experimentos científicos”, sua função real é a de um mecanismo de controle e punição: serve para torturar presos políticos e subjugar o povo negro, bem como qualquer indivíduo que ouse questionar ou desafiar a hierarquia racial imposta pelos Cygens. Essa simbiose entre tecnologia, poder e morte materializa o que Mbembe (2003) define como necropolítica: a criação de zonas de morte reguladas por critérios raciais e sociais, onde a sobrevivência é mediada não apenas pela força coercitiva, mas também pelo controle sobre a narrativa oficial e o saber institucionalizado, revelando a continuidade histórica de práticas de dominação que operam sob a aparência de neutralidade científica.

A narrativa de Santos, assim, opera como uma crítica afrofuturista e distópica ao capitalismo tardio, à supremacia branca e ao transumanismo tecnocrático. Ao projetar o retorno de hierarquias raciais sob a aparência da racionalidade tecnológica, o romance evidencia que as inovações científicas e tecnológicas não são neutras: são produzidas em contextos históricos e materiais específicos e reproduzem desigualdades preexistentes, legitimando a exclusão e o controle de corpos racializados, subalternizados ou considerados “defeituosos”. A favela de Obambo, os Cygens e o aparato de vigilância e repressão configuram, portanto, não apenas um cenário de ficção científica, mas uma alegoria crítica que ressoa com as opressões contemporâneas, denunciando a continuidade da colonialidade do poder, do saber e do ser no presente.

4. CONCLUSÕES

A análise realizada neste trabalho demonstra a importância de se considerar as narrativas afrofuturistas como um campo crítico ainda pouco explorado no Brasil, mas que carrega um enorme potencial para tensionar e reconfigurar imaginários sociais. Ao articular a ficção especulativa com experiências históricas da diáspora africana, tais narrativas oferecem não apenas um exercício estético, mas também uma intervenção política capaz de questionar a persistência das estruturas coloniais no presente. Essa perspectiva evidencia como o futuro pode ser narrado a partir de vozes historicamente silenciadas, permitindo novas formas de projetar possibilidades de existência que rompem com o paradigma eurocêntrico do capitalismo tardio.

Nesse sentido, o trabalho se revela essencial por contribuir para a abertura de um debate acadêmico e cultural em torno do afrofuturismo, inserindo-o como um espaço fértil de crítica e invenção. Mais do que um gênero literário ou artístico, o afrofuturismo se afirma como ferramenta epistemológica para pensar futuros alternativos em que povos afrodiaspóricos possam se reconhecer como protagonistas de suas próprias histórias. Ao recuperar memórias e imaginar futuros possíveis, essas narrativas operam como resistência, insurgência e reexistência, convocando o leitor a repensar tanto o lugar do negro na literatura quanto as próprias bases do pensamento ocidental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERY, M. **Black to the Future**: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, M. (Ed.). *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*. Durham: Duke University Press, 1994. p. 179–222.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 123-151, 2016.

QUIJANO, A. **Colonialidade do saber, eurocentrismo e América Latina**. *Revista del CLACSO*, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 117-142, 2005.

SANTOS, A. **O último ancestral**. São Paulo: Harper Collins, 2021.